

ASPECTOS DA GEOGRAFIA DO TURISMO DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL COUTINHO, Solange Fernandes Soares.

**Geógrafa. Professora da Universidade de Pernambuco e
Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco.
End.: Rua Monsenhor Júlio Maria, 40 Recife
- Pernambuco - Brasil. CEP: 50.720-090
Fones: (55) 081 4453304 e (55) 081 9622721;
FAX (55) 081 4453304
E-mail: sppe@hotmail.com.br**

RESUMO:

A região Nordeste do Brasil apresenta ampla diversidade ambiental como consequência da ação local dos seus condicionantes geo-ecológicos, tendo assim significativas e diferenciadas potencialidades para o desenvolvimento de atividades turísticas em suas diferentes modalidades, o que a fez tornar-se um dos pólos turísticos do país. Entretanto, nela também as desigualdades sociais se mostram de forma clara e indiscutível. O trabalho que se segue busca ressaltar a importância da abordagem geográfica do turismo como um dos elementos de viabilização do potencial turístico de acordo com os interesses da população local e as particularidades do lugar.

Introdução

O turismo representa hoje uma atividade econômica de real importância, já sendo considerado como um setor de ponta na captação de divisas. Alternativa econômica de grande eficácia para países tropicais que têm nos seus recursos naturais fortes atrativos, exerce importante papel na produção e consumo do espaço.

Segundo a Organização Mundial de Turismo, na atualidade o setor de turismo é responsável pelo maior índice de geração de emprego e apresenta relevante contribuição para o Produto Interno Bruto do Mundo. Sua atual dinâmica e perspectivas para um futuro próximo conduzem a expectativas otimistas, embora já tardias, para o desenvolvimento do turismo no Brasil, país que possui uma população de 164,4 milhões de habitantes (1996) distribuída irregularmente nas suas cinco Macrorregiões Geográficas, por mais de cinco mil municípios, nos seus vinte e seis Estados e um Distrito Federal, e que apresenta desigualdades sociais e econômicas também de significativa expressão.

O Brasil possui diferenciadas paisagens geográficas condicionadas pelos componentes geo-ecológicos que no seu extenso território atuam de forma diversificada. Localizado na porção Centro-Oriental da América do Sul, entre os paralelos de 5º 16'19" de Latitude Norte e 33º 45'09" de Latitude Sul e os meridianos de 34º 45'54" e 75º 59'32" de Longitude Oeste de Greenwich, apresenta uma extensão territorial máxima de 4.394,7 Km Norte/Sul e 4.319,4 Km Leste/Oeste, com área de 8.547.403,5 Km².

Com 92% do seu território localizado na zona inter-tropical, no Brasil predominam climas quentes – equatorial, tropical e semi-árido –, com médias térmicas superiores a 20º C, ocorrendo também os climas subtropicais e tropical de

altitude; relevos de baixas altitudes e diferenciados biomas correlacionados aos distintos domínios climáticos. São Florestas Equatoriais, Tropicais, Subtropicais; Cerrados; Caatingas; Campos; Formações Litorâneas, com destaques para a região Amazônica, o Complexo do Pantanal e o extenso e diversificado litoral brasileiro. Seus recursos naturais são variados e abundantes, inexistindo fenômenos tectônicos e atmosféricos catastróficos.

Apesar do relevante potencial turístico, no Brasil o turismo como atividade econômica significativa é recente e ainda hoje nota-se a ausência de uma política afetiva para o setor. Só com a criação da Embratur (Empresa Brasileira de Turismo) em 1996 e mais especificamente na década de 70 o turismo foi impulsionado, apropriando-se das condições favoráveis derivadas da dinamização do setor industrial que criou infra-estrutura básica e fez surgir o interesse pelo lazer e a recreação.

Na região Nordeste brasileira só nos anos oitenta, período de severa crise econômica, o turismo foi valorizado com uma alternativa para a superação da crise, sendo considerado como capaz de revitalizar as economias estaduais (RODRIGUES, 1996).

A relação da Geografia com o Turismo

O Turismo vem sendo amplamente associado à Geografia, mas no Brasil ainda são pontuais os estudos mais aprofundados e de maior consistência teórica sobre o tema. Até mesmo entre aqueles que vêm defendendo a autonomia da Geografia do Turismo, não se percebe conclusões claras sobre sua compreensão e abrangência. A abordagem geográfica do turismo deve ser concebida como um estudo complexo dos elementos geográficos e do seu inter-relacionamento com as atividades turísticas.

A geografia como oferta turística foi inicialmente estudada na França, atendendo às solicitações do grande desenvolvimento do turismo nas costas do Mar Mediterrâneo. Um dos pioneiros desses estudos foi o Prof. Georges Chabot, da Universidade de Paris, que em 1956 fez uma comunicação sobre a nova especialidade da Geografia, denominando-a de Geografia da Recreação (SILVA & ARAÚJO, 1987).

Só na década de sessenta firmam-se os estudos do turismo sob a ótica geográfica. Isso se dá em resposta à busca da interpretação das transformações espaciais derivadas do acelerado desenvolvimento das atividades turísticas. À época, já a Espanha e Alemanha destacavam-se nesse campo de investigação (GÓMEZ, 1988). A partir daí vem se registrando um aumento quantitativo e qualitativo da produção acadêmica voltada para a Geografia do Turismo.

Considera-se a abordagem do turismo pela ótica geográfica de significativa importância para o conhecimento das potencialidades turísticas locais. Por tratar dos deslocamentos temporários das populações, dos problemas de interação entre as populações, dos aspectos físicos, ecológicos, econômicos, políticos e culturais, dos mercados emissores, das correntes de tráfego, assim como dos atrativos e da capacidade de absorção dos núcleos receptores, se faz necessária onde o turismo e o lazer se destacam ou onde possam vir a se destacar.

O desenvolvimento das atividades relacionadas ao turismo conduzem à reorganização do espaço nos quais elas se realizam. Por muito tempo a dimensão

espacial ficou relegada a um segundo plano. O pensamento setorizado desprezou a dimensão espacial, investigando os fatos de forma isolada e propondo modificações ignorando as subjetividades do espaço social em suas variadas escalas.

Na realidade, o espaço foi abstraído e os recursos naturais tratados simplesmente como insumos em nome do crescimento econômico. O mesmo crescimento econômico pretendido pela política nacional do turismo, que visualiza na atividade a alternativa capaz de conduzir à superação das crises financeiras nos diferentes segmentos administrativos da nação. RODRIGUES (1997, p.49), ressalta a importância da Geografia do Turismo pela sua possibilidade de “ ... investigar o impacto do turismo nas comunidades locais, ou seja, a relação que se estabelece entre a população fixa e flutuante. Também relevante é avaliar o custo social das obras e da manutenção dos serviços públicos nos núcleos turísticos, o que vem a onerar sobremaneira a população local”.

Breve Caracterização da Região Nordeste do Brasil

A região Nordeste do Brasil localiza-se entre os paralelos de 10º 04' 48" e 18º 19' 12" de Latitude S e os meridianos de 34º 48' 36" e 48º 43' 12" de Longitude O de Greenwich. Formada por nove Estados – Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia -, possui área total de 1.561.177,8 Km², o que representa 18,12% do país. Com população de 43.792.133 habitantes (1996), correspondendo a 28,9% da população nacional, apresenta densidade demográfica de 28,80 habitantes por Km², estando o maior percentual da sua população concentrada nas áreas urbanas (60,7%), especialmente nas cidades de Salvador, capital do Estado da Bahia; Recife, capital pernambucana e Fortaleza, capital do Estado do Ceará, todas Metrôpoles Regionais.

Caracteriza-se pela heterogeneidade ambiental que possui, apresentando contrastantes paisagens geográficas que refletem diferentes aspectos dos seus condicionantes ecológicos e sócio-culturais, de ambientes úmidos, subúmidos e semi-áridos, já que possui contrastantes regimes de chuvas - mais de 2000 mm no Noroeste do Maranhão e Sul dos litorais da Bahia e Pernambuco, e menos e 500 mm no Sertão semi-árido -, com distintas formas de uso do solo e de condições de vida de suas populações.

Predominantemente formada por superfícies antigas, aplainadas pelos agentes exógenos e áreas litorâneas mais recentes, com variados tipos climáticos - que vão desde os quentes e úmidos aos semi-áridos - na Região destacam-se as Zonas do Litoral e Mata, do Agreste, do Sertão e o Meio-Norte.

Sua economia está baseada na agroindústria, destacando-se a cana-de-açúcar e o cacau como culturas tradicionais praticadas em grandes propriedades a partir de tecnologia pouco modernizada; a indústria petroquímica; o extrativismo e o turismo que na atualidade vem sendo considerado como uma das alternativas ao fortalecimento da sua fragilizada economia.

A ampla diversidade geográfica da Região reflete-se na presença de ambientes litorâneos compostos por praias, dunas, manguesais e restingas; ecossistemas de florestas tropicais úmidas e subúmidas - Mata Atlântica, Floresta de Cocais, Floresta Pré-Amazônica Maranhense e Hiléia Sul-baiana; Cerrados e Caatingas.

Neles destacam-se ainda diferenciações internas que correspondem às características geo-ecológicas locais e respectivas áreas de transição que formam paisagens específicas, fazendo do Nordeste brasileiro a região de maior diversidade ambiental do país.

A cultura e a história do povo nordestino e de outros povos que por lá passaram, transformaram as paisagens naturais e nelas deixaram suas marcas, também oferecendo diferentes opções para o desenvolvimento do turismo.

Potencialidades Geo-Turísticas da Região Nordeste do Brasil

Condicionadas pelo diversificado quadro natural e cultural que apresenta, o Nordeste brasileiro possui diferenciadas e significativas áreas com potencialidades para o turismo em distintas modalidades. Apesar do reconhecido crescimento do turismo na Região, muito ainda é necessário ser feito para que o setor possa oferecer serviços de qualidade e confiabilidade e contribuir para a melhoria da qualidade de vida das populações locais. O real conhecimento das potencialidades e limites de tolerância, o planejamento, a implementação e o acompanhamento das ações e a necessária correção dos desvios são pontos fundamentais que não podem ser negligenciados nas políticas de desenvolvimento do turismo.

Apesar do turismo estar sendo considerado como uma alternativa para o enfrentamento das graves questões sócioeconômicas regionais, em dimensões e características particularizadas, as ações direcionadas ao aproveitamento e manutenção dos atrativos turísticos não são claramente definidas. A ausência de uma política de gestão dos recursos ambientais, direcionada às realidades e necessidades locais, reverte-se em perda do patrimônio e conseqüente insustentabilidade das atividades (COUTINHO & SILVA, 1998).

O Nordeste do Brasil tem como maior apelo turístico o denominado “turismo de Sol e Mar”, em função da elevada quantidade de horas de sol que apresenta durante todo o ano – em média 2.637 horas/ano e 450 Cal/cm²/dia (SILVA & ARAÚJO, 1987). No Brasil é possível registrar-se, ao mesmo tempo, temperaturas em torno de 10o C no Sul e superiores a 30o C na faixa litorânea do Nordeste. Seu amplo e contínuo litoral é formado por praias arenosas de águas claras e mornas refrescadas por brisas marinhas e povoadas por palmeiras, dunas e respectivas lagoas em seus reversos, falésias, enseadas, baías, cabos, arrecifes de arenito e corais, rias, penedos, estuários ainda com trechos que apresentam exuberantes manguezais, deltas, restingas, ilhas isoladas, arquipélagos e atóis. O “Caribe brasileiro”, o “Paraíso do Sol”, entre outros, são alguns termos utilizados para vender o turismo no Nordeste para outras regiões do Brasil e para o exterior. Recreação, lazer, pesca, navegação, esportes náuticos, aventura, eventos e ecoturismo são ofertas turísticas exploradas pelo marketing da Região. Nas áreas litorâneas percebe-se uma profunda seletividade no espaço, fruto da valorização imobiliária e das mudanças no modo de vida da população nativa. Hotéis de diferenciadas categorias, *resorts*, inúmeras pousadas e casa de segunda residência ocupam os espaços onde antes existiam, entre a vegetação nativa, as casas dos pescadores. Estes foram expulsos, alijados do processo, ou absorvidos de forma secundária, como mão-de-obra de baixo custo (COUTINHO & SILVA, 1998), já que os investimentos privilegiaram a formação de infra-

estrutura e serviços nos moldes dos centros turísticos internacionais, para os quais as populações locais não foram capacitadas para integrar-se. Todavia, outros ambientes nordestinos são detentores de alto potencial para o desenvolvimento de atividades turísticas, tanto em função dos seus aspectos naturais como por aqueles artificialmente construídos pelo homem. Na Zona da Mata, desenvolvida sobre a planície costeira, tabuleiros, chãs, colinas e encostas mais orientais de planaltos, testemunhos da Mata Atlântica, anteriormente dominante no trecho que se estende desde o Rio Grande do Norte até a Bahia e da Floresta Hileiana Sul-baiana, propiciam diferenciadas oportunidades de desenvolvimento de atividades turísticas em ambientes florestais, com rios perenes e cachoeiras. Antigos engenhos de açúcar, fazendas de cacau e modernas propriedades agrícolas compõem as paisagens originadas pelas atividades agrícolas, junto a inúmeras cidades de médio e pequeno porte que até hoje preservam suas heranças culturais traduzindo a história da ocupação do solo na Zona da Mata e têm fortes atrativos ao turismo, em especial para o ecoturismo, o turismo científico, o turismo rural, o agroturismo e o turismo cultural. O Agreste, faixa de transição entre a Zona da Mata e o Sertão, apresenta características geográficas das áreas que limita, contando também com aspectos que lhes são próprios. Nele as condições ambientais de semi-aridez moderada são dominantes, apresentando índices pluviométricos anuais entre 1000 mm e 700 mm, solos raros com freqüência pedregosos, relevo com altitudes pouco significativas, condicionando uma cobertura vegetal de caatinga hipoxerófila. No Agreste a diversificação de formas de uso da terra é marcante, destacando-se o Sistema Gado-Policultura.

A Zona do Sertão, vasto domínio semi-árido típico, corresponde a uma superfície deprimida e aplainada muito ampla, onde as condições geográficas locais e externas a ela acentuam a semi-aridez. À pluviosidade muito baixa, em torno de 700 mm a 400 mm anuais, associada a irregularidade das chuvas, correspondem solos em geral rasos e pedregosos.

Completa o seu quadro geo-ecológico a hidrografia intermitente e fortemente ramificada - à exceção do rio São Francisco que tem suas nascentes fora do domínio semi-árido e atravessa o Sertão nordestino em regime perene e o rio Parnaíba -, vales rasos e suaves interflúvios e a vegetação de caatinga hiperxerófila, predominantemente arbustiva aberta. Estes aspectos atuam de forma negativa sobre as atividades econômicas tradicionais e as condições para a ocupação humana. Fazem parte das paisagens do Sertão os habitats isolados por imensas áreas com vegetação nativa fortemente alterada pelo extrativismo, as lavouras de sequeiro e a pecuária extensiva que garante, em termos precários, a subsistência das suas populações ano após ano ameaçadas por secas prolongadas que até hoje provocam fome e morte.

As caatingas são compostas por espécies xerófitas predominantemente caducifóleas, cactáceas e bromeliáceas que apresentam diferenciadas formas de adaptação às condições locais de taxas de evaporação superiores às de precipitação. As paisagens de tom cinza do semi-árido representam uma marca para a região Nordeste do Brasil, junto ao sofrimento das populações que dependem exclusivamente das condições naturais para realizarem suas atividades, apesar das secas serem previstas e da existência de conhecimentos

técnicos sobre manejos de solo, água, plantas e animais ajustados às diferenciadas condições locais de deficiência hídrica.

Tanto nos Agrestes como nos Sertões nordestinos as condições geográficas e ecológicas não são idênticas. Vários são os exemplos de áreas exceção mais úmidas e também mais secas inseridas no domínio semi-árido maior, condicionadas pela atuação de fatores ambientais locais, especialmente relacionados à altitude. Entre essas áreas de exceção encontram-se os “brejos” de altitude e/ou exposição aos ventos que formam verdadeiros enclaves com características ambientais discordantes das áreas nos quais se encontram e que vêm sendo explorados pelas atividades turísticas, em especial o turismo de segunda residência e o ecoturismo.

Nos “brejos”, temperaturas mais baixas e umidade mais acentuada condicionadas por níveis altimétricos mais elevados, originaram paisagens nas quais florestas perenes ou subperenes desenvolvendo-se sobre solos mais profundos, onde podem ser encontradas várias fontes de água, riachos, rios, cachoeiras, corredeiras e que propiciam produção agrícola também diferenciada, destacando-se os cultivos de flores, frutas e hortaliças (LINS et al., 1989) e (MELO, 1988).

Não só as serras úmidas, mas também chapadas, cavernas e grutas formadas em rochas calcárias com seus lagos e rios interiores, canyons, vales com inúmeras matas de galeria, relevos residuais formados por rochas de maior resistência à erosão – iselbergues que testemunham antigas topografias -, ou cujos efeitos dos agentes erosivos esculpíram curiosas formas, assim como a própria vegetação de caatinga que no rápido e irregular período das chuvas transforma a paisagem cinza típica da seca em um verde intenso, entremeado pelo colorido das flores que garantem a continuidade do sistema ecológico, são outros dos atrativos do geoturismo da região. Porém, muito pouco é explorado ou é minimamente ou até inadequadamente utilizado com atividades turísticas.

As paisagens devidas dos ambientes de cerrados também estão presente no Oeste do Nordeste brasileiro nos Estados do Maranhão, Piauí e Bahia, formadas por árvores e arbustos de folhas coriáceas, com troncos tortuosos e envolvidos por uma camada de súber que os protege do fogo espontâneo comum no período seco, dispersos sobre o solo recoberto por um estrato de plantas rasteiras constituído principalmente por gramíneas. Nelas destacam-se as veredas formadas por matas ciliares nas margens dos cursos d'água, as características ecológicas da flora e da fauna e as feições geomorfológicas lá presentes. Nos cerrados nordestinos, assim como nos do Brasil Central, as monoculturas vêm causando forte desequilíbrio ambiental, apesar de muito dos seus recursos turísticos ainda estarem preservados e apresentarem potencialidades para o ecoturismo, o turismo científico, o agroturismo e o turismo de aventura.

Entre as grandes paisagens geográficas do Nordeste do Brasil ainda destaca-se o Meio-Norte, compreendendo os Estados do Maranhão e Piauí, em uma planície costeira com cerca de 300 Km de largura, entre o Nordeste seco e a Amazônia superúmida que, segundo MELO (1983), corresponde a um “terceiro Nordeste”, o primeiro representado pela faixa Oriental úmida e o segundo pelo domínio semi-árido. Caracteriza o Meio-Norte uma imensa área de campos inundáveis, a Mata de Cocais com várias espécies de palmáceas – com destaque para o babaçu (*Orbignia martiana*) -, e a região Pré-Amazônica maranhense na qual o sistema

ecológico apresenta flora e fauna diretamente relacionadas à região Norte do país, ambiente típico do clima equatorial quente e úmido. O ecoturismo, o turismo científico e o cultural são algumas das modalidades para as quais o Meio-Norte apresenta fortes atrativos.

A ação do homem no decorrer dos tempos contribuiu e vem contribuindo para a formação das paisagens nordestina. Desde as várias ocorrências de registros de antigas civilizações, presentes nas inscrições rupestres e nos achados arqueológicos encontrados em vários pontos do Nordeste brasileiro, até a construção de lagos e parques artificiais, por exemplo. Os traços culturais da Região registram a presença de grandes civilizações indígenas, colonizadores e outros povos imigrantes que propiciaram a criação de reservas e áreas tombadas e fizeram alguns dos seus conjuntos arquitetônicos transformarem-se em Patrimônios da Humanidade.

A música e a dança, a exemplo do forró, da quadrilha e do bumba-meu-boi; as festas profanas, com destaque para o carnaval, e religiosas; a gastronomia que obteve suas origens nos hábitos alimentares dos portugueses colonizadores, africanos escravizados e indígenas; as convenções e diferenciadas oportunidades de negócio são mais alguns dos atrativos complementares às potencialidades turísticas da Região. À elas se somam a ocorrência do maior teatro ao ar livre no mundo – Nova Jerusalém, em Pernambuco -, Parques Nacionais, Reservas Biológicas e Estações Ecológicas.

Segundo dados do Perfil do Turista do Nordeste (1997), como pode ser observado na tabela 1, os recursos naturais contribuem como fator de decisão para o turismo na região Nordeste do Brasil com 74,87%, isolando-se na preferência dos que decidem visitar a Região. Importante também é notar que o grau de satisfação avaliado como ótimo e bom alcançou na pesquisa 51,01% e 41,85% respectivamente, demonstrando a importância do atrativo.

Entretanto, os dados da mesma tabela também indicam, por exemplo, que outros atrativos turísticos do Nordeste brasileiro não vêm sendo destacados nos programas de turismo da Região, estando estes direcionados à exploração dos recursos naturais, não por ser a única opção, mas sim pelo destaque que vem recebendo, em especial, o turismo nas áreas litorâneas. Seria necessário aprofundar a avaliação das consequências deste fato, uma vez que o turismo assim poderia vir a contribuir para ressaltar as disparidades socioeconômicas intra-regionais, mais uma vez deixando à margem as populações das áreas mais carentes.

Tabela 1. ATRATIVOS TURÍSTICOS (REGIÃO NORDESTE DO BRASIL)

ATRATIVO/FATOR DE DECISÃO		AVALIAÇÃO DO ATRATIVO TURÍSTICO					
TIPO	%	ÓTIMO %	BOM %	REGUL AR %	RUIM %	PÉSSI MO %	TOTAL %
NATURAIS	74,87	51,01	41,85	6,11	0,60	0,43	100,00
PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL	5,44	34,13	52,08	11,89	1,41	0,49	100,00
MANIFESTAÇÕES POPULARES	2,36	37,19	48,11	12,25	1,57	0,88	100,00
OUTROS	17,33						
TOTAL	100,00						

Fonte: SUDENE/CTI/FADE/Órgãos Estaduais de Turismo. Pesquisa do Perfil do Turista do Nordeste. Janeiro/97. Outubro, 1997.

A tabela 2 possibilita avaliar o descompasso ainda existente entre o potencial turístico presente na Região e a oferta de equipamentos, serviços e infra-estrutura. O distanciamento entre o discurso e a prática e a falta de articulação entre setores distintos, porém interdependentes quando planeja-se turismo, reverte-se na insatisfação do turista e na desvalorização do destino turístico. Capacitação profissional, sistemas de informação, sinalizações, limpeza pública, segurança, transporte, terminais de passageiros, entre outros, retratam o nível profissional com o qual o turismo é tratado. Quase sempre as grandes obras isoladas não são suficientes para valorizar a potencialidade turística do lugar, vários outros investimentos materiais e em recursos humanos são também de grande valia para que o turismo possa alcançar os objetivos desejados.

Ainda segundo o Perfil do Turista do Nordeste (1997), 95,90% dos que responderam os questionários durante sete dias contínuos nos portões de saída dos principais pólos turísticos do Nordeste do Brasil afirmaram que pretendiam voltar e 71,47% não estavam ali pela primeira vez. Entretanto, estes dados isolados não podem ser avaliados como sinalização do sucesso turístico da Região, uma vez que 27,90% e 21,15%, respectivamente, estiveram no Nordeste brasileiro motivados por visitas a parentes e amigos ou para negócios, como pode ser observado na tabela 3.

O Nordeste do Brasil é uma área de emigração para outras regiões do país, especialmente para o Sudeste, e o reencontro com parentes e amigos atua como uma significativa motivação para visitas periódicas independente dos atrativos, equipamentos, infra-estrutura e serviços turísticos. O mesmo se verifica para a maioria daqueles que necessitam ter contato de negócio na Região. Isto não quer dizer que a passagem dessas pessoas deva ser desconsiderada, inclusive porque

o denominado turismo de negócio já tem uma importância significativa e aqueles que vêm para visitar parentes e amigos de alguma forma contribuem para a dinamização do setor turístico.

Tabela 2. AVALIAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS, SERVIÇOS E INFRA-ESTRUTURA TURÍSTICOS (REGIÃO NORDESTE DO BRASIL)

TIPO	AVALIAÇÃO				
	ÓTIMO %	BOM %	REGULAR %	RUIM %	PÉSSIMO %
EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS					
Equipamentos de Lazer	27,79	54,98	14,45	2,09	0,69
Serviços de Passeio	37,03	53,57	7,89	0,98	0,53
Serviços de Receptivo	28,23	55,83	12,49	2,04	1,41
Recepção /Hospitalidade	51,16	41,58	5,82	0,83	0,61
Informações Turísticas	23,38	53,20	16,25	4,22	2,95
Sinalização Turística	16,31	49,57	23,15	6,45	4,52
Guias de Turismo	35,53	47,47	12,50	2,53	1,97
Meios de Hospedagem	30,91	53,65	12,02	1,86	1,56
Bares/Restaurantes	24,35	59,46	13,46	1,93	0,80
Comércio/Compras	18,76	57,51	20,30	2,67	0,76
Diversões Noturnas	32,47	48,32	15,00	2,94	1,27
Taxi	20,76	59,19	14,75	3,42	1,88
INFRA-ESTRUTURA					
Comunicações	22,32	63,63	9,61	2,66	1,78

(Correio/Telefone)					
Sinalização Urbana	13,08	57,40	21,39	5,02	3,11
Segurança Pública	12,96	54,02	24,49	5,24	3,29
Limpeza Urbana	8,84	33,61	32,09	12,83	12,63
Ônibus Urbano	11,02	51,45	26,46	6,36	4,71
Terminal Marítimo	19,35	56,95	17,60	3,17	2,93
Terminal Rodoviário	12,41	53,81	22,30	6,14	5,34
Aeroporto	15,08	56,20	23,56	3,28	1,88

Fonte: SUDENE/CTI/FADE/Órgãos Estaduais de Turismo. **Pesquisa do Perfil do Turista do Nordeste. Janeiro/97. Outubro, 1997.**

Através dos dados da tabela 3 pode-se ainda observar que o turismo no Nordeste brasileiro é predominantemente nacional, destacando-se os deslocamentos intra-

região e da região Sudeste do país, indicando que existe um amplo mercado emissor a ser conquistado e mantido, possibilitando assim que o turismo possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida das populações locais.

Tabela 3. MOTIVO DA VIAGEM/RESIDÊNCIA PERMANENTE (REGIÃO NORDESTE DO BRASIL)

MOTIVO DA VIAGEM			RESIDÊNCIA PERMANENTE								
TIPO	TOTAL		REGIÃO NORDESTE	REGIÃO SUDESTE	REGIÃO SUL	REGIÃO CENTRO-OESTE	REGIÃO NORTE	SEM ESPECIFI- CAR REGIÃO	BRASIL	OUTROS PAÍSES	TOTAL
	Abs.	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Passeio	4.364	46,50	30,80	36,30	4,28	15,79	5,48	0,43	93,08	6,92	100,00
Parentes e Amigos	2.618	27,90	44,46	33,65	2,33	11,42	5,39	0,95	98,20	1,80	100,00
Negócios	1.985	21,15	37,98	33,54				25,95	97,47	2,53	100,00
Saúde	211	2,25	59,90	25,29	2,57	4,94	3,93	1,41	98,04	1,96	100,00
Congressos/ Convenções	158	1,68	83,41	6,16				10,43	100,00		100,00
Religião	49	0,52									
TOTAL	9.385	100,00									

Fonte: SUDENE/CTI/FADE/Órgãos Estaduais de Turismo. Pesquisa do Perfil do Turista do Nordeste. Janeiro/97. Outubro, 1997.

Considerações Conclusivas

Exemplo do baixo aproveitamento da potencialidade turística derivado da inexistência de uma gestão adequada estão presentes no turismo brasileiro e mais especificamente no turismo da região Nordeste do Brasil, mesmo nele sendo encontrados complexos paisagísticos com relevantes potencialidades turísticas.

Tendo o turismo alcançado a importância atual, cabe aos planejadores do setor modernizar as técnicas de pesquisa e coleta de dados visando ganhos na competitividade e, ao mesmo tempo, garantir a eficiência e durabilidade da atividade. Tomando-se por base a oferta, a capacidade de suporte, a forma de utilização e a monitorização dos recursos turísticos pode-se integrar a geração de renda à responsabilidade com o lugar.

A Geografia, ao contrário do que muitos possam pensar, não só deve contribuir para o inventário turístico – recursos naturais e condições sociais existentes –, mas também ser capaz de fornecer dados e análises sobre a situação atual e tendências das atividades turísticas, colaborando para que o setor possa extrair benefícios econômicos e ao mesmo tempo reduzir as injustiças sociais e os impactos negativos nos recursos naturais e culturais.

A exploração do homem sobre o homem na organização sócioeconômica e política dominante; a forma de expansão dos mercados; o manejo inadequado da

terra, seja por decorrência da cultura local ou pela tecnologia empregada, têm conduzido a uma crescente utilização insustentável do meio e a uma também crescente diminuição da produtividade e da produção agrícolas, condicionando o esvaziamento dos espaços rurais mais degradados e a conseqüente pressão nos centros urbanos (COUTINHO, 1993).

Este quadro pode ser revertido e o turismo poderá oferecer uma contribuição relevante, desde que os interesses pessoais não sejam privilegiados em detrimento das necessidades das populações do lugar. É necessário reavaliar as atuais propostas de melhoria da qualidade de vida para as populações em função do desenvolvimento das atividades turísticas, uma vez que a maior geração de renda não garante a sua melhor distribuição. Os impactos ecológicos e sociais negativos derivados de ações desarticuladas e muitas vezes sobrepostas vêm concentrando investimentos nos denominados pólos e corredores de turismo e podem conduzir a situações de graves desequilíbrios ambientais.

Neste sentido, a abordagem geográfica do turismo deve participar significativamente na geração de conhecimentos, no planejamento, na implementação e no monitoramento das ações mais adequadas às diferenciadas situações locais, incluindo a gestão e ordenamento do território como prioridades e resgatando a importância do espaço, para que a Geografia possa deixar de ser considerada apenas de forma aparente e ofereça relevantes contribuições teóricas e práticas.

Bibliografia

COUTINHO, Solange Fernandes Soares. Os "brejos" do Nordeste Semi-árido - Áreas de Exceção Degradadas. In: **Anais do 4o Encontro Nacional de Estudos sobre Meio Ambiente**. Cuiabá: UFMT, 1993. p.166-172.

COUTINHO, Solange Fernandes Soares Coutinho & SILVA, Sidney Gomes Domingues da. Gestão Ambiental em Áreas com Potencialidades Turísticas no Estado de Pernambuco. In: **Anais do II Simpósio Internacional de Qualidade Ambiental**. Porto Alegre, 1998

GÓMEZ, Alberto Luís. **Aproximación histórica al estudio de la geografía del ocio. Guia introductoria**. Barcelona: Anthopos, 1988.

LINS, Rachel Caldas (Coord.). **Áreas de Exceção do Agreste de Pernambuco**. Recife: GRAFSET, SUDENE, 1989. (Série Estudos Regionais 20)

MELO, Mário Lacerda de (Coord.). **Áreas de exceção da Paraíba e dos sertões pernambucanos**. Recife: SUDENE-PSU-SRE, 1988. _____. **O Meio-Norte**. Recife: SUDENE, 1983. (Série Estudos Regionais 9)

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço. Rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997. _____ (org.). **Turismo e geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SILVA, José Carlos Regueira da & ARAÚJO, Waldja Correia. **Geografia turística do Nordeste**. Recife: SUDENE / DPS, 1987.

SUDENE/CTI/FADE/ÓRGÃOS ESTADUAIS DE TURISMO. **Pesquisa do perfil do turista no Nordeste. Janeiro/97**. Recife: SUDENE, 1997.